



## MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS E MODOS DE ENSINO

*Magna Aparecida Unas Dias<sup>1</sup>*

*Cancionila Janzkovski Cardoso<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 02 – Alfabetização e História*

### Resumo:

Ao longo da história da educação no Brasil verifica-se diferentes embates teóricos e metodológicos passando por várias fases na busca pelo desenvolvimento de metodologias que alcancem a melhor forma possível de ensino, pois, ao se falar de leitura e escrita, logo se pensa em alfabetização. Este trabalho, fruto de pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apresentar uma síntese dos métodos de alfabetização predominantes no Brasil, partindo de uma reflexão sobre a relação entre sucesso ou fracasso escolar e o uso de tais métodos, tema polêmico e controverso nas pesquisas e práticas educativas. Como procedimento metodológico foram utilizados referenciais teóricos que discutem a questão da cartilha de alfabetização, como fonte de ensino relacionada a história cultural brasileira, conceituando e qualificando as várias fases desse processo na busca por encontrar soluções para os questionamentos sobre qual o melhor método e qual a melhor forma de ensino para os anos iniciais de escolarização de crianças, com destaque para Frade (2005), Mortatti (2006, 2009), Soares (2016, 2017), entre outros. As disputas em torno dos métodos, ora como salvacionistas ora culpabilizando-os pelo fracasso escolar, atravessa séculos, daí a relevância de pensar sobre, tentando refletir se essas diferentes perspectivas à luz de pesquisas de outros autores impactam na sala de aula e como impactam.

Palavras-chaves: Educação; cartilhas de alfabetização; métodos; fracasso escolar.

### Introdução

Este trabalho, fruto de pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apresentar uma síntese dos métodos de alfabetização predominantes no Brasil, partindo de uma reflexão sobre a

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis - UFR. Técnica Administrativa em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis. Contato: [magnaunas@gmail.com](mailto:magnaunas@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela UFMG. Professora Titular Aposentada pela UFMT e Pesquisadora Associada na Universidade Federal de Rondonópolis. Contato: [kjc.cardoso@gmail.com](mailto:kjc.cardoso@gmail.com)

relação entre sucesso ou fracasso escolar e o uso de tais métodos, tema polêmico e controverso nas pesquisas e práticas educativas. O estudo faz parte do rol de temas desenvolvidos para a dissertação de mestrado, em andamento, Cartilhas de alfabetização: mapeamento sobre o contexto brasileiro de produção acadêmico-científica (2000 a 2021).

No percurso escolar, escolher um método de ensino, para muitos/as educadores/as, têm sido um caminho íngreme, de difícil acesso. Falamos aqui, não da dificuldade de compreensão dos métodos, mas da ideia de restrição que vem atrelada ao material didático, ou seja, como se o professor fosse obrigado a percorrer, a partir de sua escolha, um caminho único e ser fiel a um só material didático, um percurso com controle excessivo que não leva em conta o processo de apropriação da língua e o conhecimento que os alunos já possuem sobre ela.

No entanto, é preciso ter em mente que não há alfabetização sem método e que conhecer a história dos métodos de alfabetização é uma necessidade do/a educador/a. Esse conhecimento pode levá-lo/a a identificar permanências e princípios norteadores que vão auxiliar no processo de ensino, levando em conta a situação específica de cada sala de aula, dos conteúdos a serem partilhados, dos processos cognitivos dos alunos e suas dificuldades e facilidades em adquirir certas habilidades linguísticas.

Trazemos aqui uma breve síntese acerca da alfabetização no Brasil, bem como, a conceituação e as formas de utilização dos métodos de ensino com base em um referencial teórico que se destaca, como Frade (2005), Mortatti (2006, 2009), Soares (2016, 2017), entre outros que tornaram viável este estudo, possibilitando a aquisição do conhecimento, por ângulos diferentes, da história que cerca os métodos de ensino de língua nas séries iniciais de escolarização.

Nesse cenário, também se torna importante enveredar por pesquisas que tratam dessas polêmicas e disputas, as quais trazem no bojo um problema que permanece: como superar as barreiras do aprender a ler e a escrever encontradas pelas crianças, em especial aquelas que frequentam escolas das redes públicas e que vivem em situação de vulnerabilidade social, tendo pouco ou nenhum contato com a cultura letrada antes de ingressar nas escolas? Como enfrentar a crescente demanda de crianças com problemas de fracasso na alfabetização? Seria uma questão de pensar num novo método?

## **2 Materialização dos Métodos de Alfabetização**

A alfabetização possui uma longa história, da qual ainda conhecemos pouco. Segundo Maciel (2005, p.9), “as práticas de alfabetização não começaram nos séculos XX e XXI”, elas estão presentes e em “constante transformação desde que se necessitou ensinar alguém a

ler e escrever”, isto significa que “não é apenas a escola que apresenta a escrita à criança, mas a própria sociedade”.

A busca por maneiras de ensinar/aprender a forma escrita da língua passou por vários espaços antes de chegar à escola, considerada um sistema público de ensino. Sendo assim, “se olharmos para a alfabetização num contexto mais amplo, que envolve a criança como um ser ativo e a escrita como objeto social”, certamente utilizaremos de adaptações à nova realidade em torno dessa didática. (FRADE, 2005, p.9)

É preciso considerar, com Frade (2005), que

Vivemos um processo de grandes alterações nos conceitos relacionados ao ensino inicial da leitura e da escrita: não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras, o que caracteriza especificamente a alfabetização. É preciso também que os alunos façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem, modificando seus níveis de letramento (FRADE, 2005, p.9).

Isso porque, embora a alfabetização, em sala de aula, consista na primeira experiência de muitas crianças enquanto alunas, elas chegam à escola munidas de um conhecimento social. Pensando nisso, é importante que nesse novo ciclo do processo de aprendizagem haja a escolha por um método que leve o aluno a expor suas ideias, valorizando esse conhecimento prévio e cultural. (ROJO,1998,p.66)

Essa problemática que gira em torno da história das políticas de alfabetização brasileira, da dificuldade das crianças em aprender a ler e a escrever (fracasso escolar) e se estende à forma e uso dos métodos nesse processo inicial de aprendizagem, vem gerando debates e disputas entre estudiosos, uma polêmica, envolvendo a educação que, segundo Magda Soares (2017), apresenta-se ainda sem solução.

Em um contexto de estudo histórico sobre o estado de São Paulo (1876-1994), Maria do Rosário Longo Mortatti (2006) dividiu a alfabetização e os métodos em quatro momentos distintos, marcados pelo uso das cartilhas de alfabetização. O primeiro momento, é caracterizado pela disputa entre os partidários do novo "método João de Deus", baseado na palavrão e os partidários dos tradicionais métodos sintéticos (soletração e silabação). No segundo momento ocorre a disputa entre partidários do novo método analítico e os que continuavam a defender os métodos sintéticos tradicionais. No terceiro momento, por volta de 1920, a disputa é entre os que defendem o método misto (analítico-sintético) e os que defendem continuam a defender o método analítico (puro). Por fim, o quarto momento, a partir da década de 1970, a polarização é entre partidários da “revolução conceitual”, proposta por Emília Ferreiro, que no Brasil foi chamado de construtivismo e entre os persistentes

defensores dos métodos tradicionais e das tradicionais cartilhas, além da forma de diagnóstico do nível de maturidade da criança para a alfabetização.

Estes métodos estão, “na trajetória de uma didática de alfabetização que , ora aparecem como uma solução mágica para todos os problemas, ora acontece uma negação de sua necessidade”, o que de fato provoca um desgaste e uma desvalorização das práticas que envolve a educação tradicional. Pois, na “história dos métodos de alfabetização é possível identificar estratégias de aproximação/distanciamento da escrita”. (FRADE, 2005, p.7)

Mas o que são estes métodos? Maciel (2005, p.6) nos informa que, até 1808, era proibido publicar no Brasil e que apenas na década de 1880 foram surgindo as primeiras cartilhas brasileiras, e com elas os métodos sintéticos. Somente a partir de 1892, com a proclamação da República e a expansão do ensino no Brasil é que surgem os primeiros grupos escolares, e com isso, a necessidade de mudanças nos métodos de ensino, que de fato acontece, e esse rompimento traz para o ensino o surgimento dos métodos analíticos.

Para Mortatti (2006), assim se conceituam os métodos: os sintéticos se materializam como o ensino realizado da “parte”, unidade de menor significado, para o “todo”, unidade com sentido mais abrangente. Este podendo se apresentar como sendo: alfabético (quando o foco de ensino são as letras); fônico (quando o foco são os sons das letras); e da silabação (quando o foco são as sílabas). Somente a partir de adquirido este primeiro passo é que se passa ao ensino de palavras, frases isoladas até chegar a textos inteiros. Já nos métodos analíticos, o ensino da leitura é iniciado pelo “todo”, partindo de “unidades significativas da língua, como as palavras, sentenças ou histórias”, priorizando o sentido para, posteriormente, se deter no conhecimento das partes menores como as sílabas e os fonemas.

A história dos métodos de alfabetização no Brasil comporta, segundo Mortatti, uma disputa entre os defensores dos “antigos” e “tradicionais” métodos de ensino e dos “novos” e “revolucionários”, caracterizados por diferentes sujeitos movidos por diferentes urgências sociais e políticas. Assim, mesmo diante desse cenário, ainda persistiram os problemas do ensino e aprendizagem nos anos iniciais de alfabetização, de leitura e de escrita. E, na busca por soluções, conciliando os métodos, passa-se a utilizar os “métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes”. E com isso, vai se construindo um processo de alfabetização em que o “método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças”. (MORTATTI, 2009, p. 91-114)

A partir da década de 1980, o pensamento construtivista sobre a alfabetização ganhou espaço no Brasil como uma proposta de mudança na educação, buscando enfrentar os problemas de fracasso escolar. Essa abordagem colocava o foco no sujeito aprendiz e propunha a desmetodização do processo de alfabetização, questionando as práticas tradicionais e a necessidade das cartilhas. (MORTATTI, 2006, p. 10)

### **3 Desmetodização da alfabetização**

Na obra de Soares (2016), intitulada “Alfabetização: a questão dos métodos”, é possível identificar a apresentação de um embate histórico, materializado em concepções distintas relacionadas ao conceito de alfabetização que ultrapassa barreiras internas e atinge níveis internacionais. A autora tematiza como problemático o quesito disputa entre os métodos de alfabetização e aborda ser necessário muita reflexão no processo de ensino da língua. Essa problemática se apresenta diante de uma disputa histórica de oposição envolvendo os métodos sintéticos e analíticos em detrimento ao método “tradicional”, ao passo que para o construtivismo há uma crítica a ambos.

Essa visão construtivista se apresenta no sentido de ser, o sujeito que aprende, o centro da atenção, e assim nasce o debate acerca da necessidade ou não do ensino através de métodos. É nesse momento que entra em cena a defesa pela “desmetodização”<sup>3</sup> do ensino.

Soares critica o modo como o construtivismo foi apropriado no Brasil apontando que:

Sem negar a incontestável contribuição que essa mudança paradigmática, na área da alfabetização, trouxe para a compreensão da trajetória da criança em direção à descoberta do sistema alfabético, é preciso, entretanto, reconhecer que ela conduziu a alguns equívocos e a falsas inferências, que podem explicar a desinvenção da alfabetização (SOARES, 2004, p. 11)

Para a autora é urgente que ocorra a reinvenção da alfabetização. Em profunda discussão sobre as relações entre a alfabetização e os métodos do ensino da leitura e da escrita, a autora defende que é preciso e necessário pensar a alfabetização com método, e não em método de alfabetização. (SOARES, 2016)

### **4 Alfabetização e Fracasso escolar: uma questão de método?**

A temática do fracasso escolar tem sido mundialmente estudada, e no Brasil, mesmo depois de transcorrido mais de um século desde a implantação do modelo republicano de escola, ainda se vê, como ponto consensual de debates e denúncias, o fracasso da escola em alfabetizar. Essa expressão, fracasso escolar, tem sido utilizada para se referir a uma série de fenômenos educacionais, como: reprovação, baixo rendimento, distorção e dificuldades de

---

<sup>3</sup> O termo “desmetodização” foi usado primeiramente por Maria do Rosário Mortatti, no capítulo 4 de seu livro Os sentidos da Alfabetização – São Paulo, 1876/1994 (2000).

aprendizagem. Estes fenômenos podem estar relacionados aos tipos de métodos de alfabetização utilizados no ensino das séries iniciais.

Embora estatisticamente, é possível encontrar estudos que revelam uma redução no fracasso escolar ao longo dos anos (IBGE, 2010), as taxas ainda se revelam preocupantes. Conforme Mortatti (2006),

As últimas duas décadas do século XX, sustentam evidências de que originariamente a associação entre escola e alfabetização vêm sendo questionadas, em decorrência das dificuldades de se concretizar as promessas e os efeitos pretendidos com a ação da escola sobre o cidadão. São problemas decorrentes ora do método de ensino, ora do aluno, ora do professor, ora do sistema escolar, ora das condições sociais, ora de políticas públicas. (MORTATTI, 2006, p.30)

Outros estudos também tratam dessa corrente de problemas que contribuem para o fracasso do sistema de ensino. Trago aqui, partes de um estudo introdutório do estado da arte, de ANGELUCCI et al. (2004, p.51), em que é possível encontrar pesquisas publicadas por estudiosos brasileiros que abordam temas, “partindo de uma retrospectiva histórica da pesquisa educacional no Brasil”, sobre problemas em torno de um certo “fracasso escolar” envolvendo vertentes que englobam problemas e/ou questões do tipo psíquico, técnico, institucionais e políticos, pelo que se percebe, com os estudos, o fracasso escolar vai além daqueles problemas relacionados aos métodos de ensino e ao uso das cartilhas de alfabetização.

Assim, dentre as vertentes citadas nos estudos, é possível definir que o fracasso escolar se caracteriza também por problemas psíquicos, técnicos, institucionais e políticos. Sendo assim caracterizados: os problemas psíquicos se dão pela “culpabilização das crianças e de seus pais”. Neste caso, sendo causado por “prejuízos da capacidade intelectual dos alunos”, decorrentes de “problemas emocionais”, problemas psicomotores e inibição intelectual que prejudicam a aprendizagem escolar. Já o fracasso escolar, enquanto técnica de ensino, a culpa recai sobre o educador, caracterizado por “técnicas de ensino inadequadas ou de falta de domínio da técnica correta pelo professor” e ainda ao descaso de autoridades em não proporcionar formação técnica adequada aos profissionais da educação. Quando fala-se na escola enquanto instituição de ensino, o fracasso escolar se torna um “fenômeno presente desde o início da instituição da rede de ensino público no Brasil”, instituição que se encontra inserida “em uma sociedade de classes regida pelos interesses do capital”. Enfim, uma questão política que engloba uma cultura escolar, popular e relações de poder ao se estruturar com base na cultura dominante e não reconhecer a cultura popular. (ANGELUCCI et al., 2004, p.51-72).

## 5 Considerações Finais

Conforme explicitado, esse texto teve como objetivo apresentar uma síntese dos métodos de alfabetização predominantes no Brasil, partindo de uma reflexão sobre a relação entre sucesso ou fracasso escolar e o uso de tais métodos, tema polêmico e controverso nas pesquisas e práticas educativas.

Assim, como se viu e ainda hoje é passível de perceber, a expressão “método de alfabetização”, muito questionada, é objeto de várias pesquisas científicas na busca por soluções que amenizem os problemas vigentes com o ensino dos anos iniciais. Pois, não pensar nas crianças e na sua necessidade de aprender a língua é ignorar essas pesquisas que trazem para a área da educação um alento na tentativa de reduzir e até solucionar os problemas relacionados com a alfabetização e conseqüentemente com o fracasso escolar.

Vimos também, que não há como solucionar os problemas somente com a mudança de métodos ou o conhecimento desses. A educação se constitui de um sistema, sendo assim, no decorrer desse estudo evidenciamos repetidos esforços no sentido de superar os problemas que assolam o ensino. São esforços que trazem mudanças significativas, pois, não se trata de eleger um ou outro método, e sim pensar num conjunto de conhecimentos que ressignifique o trabalho com a leitura e a escrita de modo que estas não sejam um fim em si mesmo. (SOARES, 2016)

## Referências

ANGELUCCI, Carla Biancha et al. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e pesquisa**, v. 30, p. 51-72, 2004.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 4ª. ed. / 1991

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

MAGALHÃES, Naiara. Conhecer a história dos métodos de ensino para alfabetizar no presente. **O Jornal do alfabetizador**. Belo Horizonte, ago./set. de 2005 - ano 1 - nº 3, p.6.

MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Seminário Alfabetização e Letramento em Debate Métodos de Alfabetização no Brasil** 171 – MEC/SEB, 2006, Brasília (DF). Conferência... Brasília (DF): MEC/SEB, 2006. p.1-14.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A "querela dos métodos" de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, v. 3, n. 5, p. 91-114, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Mercado de Letras, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**/ Magda Soares - 7ª ed. - São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.